

Êutifron (Sobre a piedade)

Platão

1. Corromper a juventude

Êutifron – Que há de novo, Sócrates, para teres abandonado as conversas no Liceu e vires conversar agora aqui, no Pórtico do Rei? Não tens tu, como eu, um processo junto do Arconte Rei?

Sócrates – Os Atenienses, Êutifron, chamam-lhe processo, mas trata-se de uma queixa.

Êutifron – Que dizes? Que alguém ao que parece, apresentou uma queixa contra ti? Pois não suspeito que possas ser tu a acusar alguém.

Sócrates – Decerto que não.

Êutifron – Quem foi ele?

Sócrates – Nem eu próprio conheço muito bem o homem, Êutifron, parece-me ser um jovem desconhecido. Chamam-lhe, creio, Meleto e é do demo Pito. Tens em mente algum Meleto, de Pito, com cabelo comprido, não muita barba e nariz adunco?

Êutifron – Não recordo Sócrates. Mas que espécie de queixa apresentou contra ti?

Sócrates – Que queixa? Não é vulgar, pelo que me parece, pois, sendo jovem, ter-se decidido por tão grande tarefa, não é coisa insignificante. Diz ele que sabe de que modo os jovens são corrompidos e quem são os que os corrompem. E receio que seja um homem sabedor, pois vendo a minha ignorância corromper-lhe os companheiros, vem acusar-me perante a cidade, como perante uma mãe. E parece-me ser o único dos políticos a conduzir-se com correção, porque é correto tratar primeiro dos jovens, com a finalidade de torná-los melhor possível, tal como um bom lavrador se ocupa primeiro das plantas mais jovens e depois das outras. Por isso, talvez Meleto nos esteja a limpar, a nós, que corrompemos os jovens rebentos, como diz. Depois disso, é evidente que, ocupando-se dos mais velhos, há de retornar a causa de muitos e dos maiores bens para a cidade, como é natural que

aconteça em semelhante ocorrência, a quem começa pelo princípio.

2. Criar novos deuses

Êutifron – Desejaria Sócrates, mas temo seja o contrário. Pois, simplesmente, me parece que desde o início começa por fazer mal à cidade, ao tomar nas mãos acusar-te. Mas conta-me como, por agires como ages, ele diz que corrompes os jovens.

Sócrates – Parece estranho, pelo que ouvi. Diz que sou um fazedor de deuses. E, como invento novos deuses e não acredito nos antigos, acusou-me por causa disso.

Êutifron – Compreendo Sócrates, é porque estás sempre a dizer que te aparece um gênio. Então, por inovares nas coisas divinas, apresentou contra ti essa queixa e vai ao tribunal caluniar-te, sabendo como as calúnias nesta matéria são bem recebidas pela multidão. Pois até de mim, quando falo das coisas divinas na assembléia e predigo o futuro, se riem, como se estivesse louco. No entanto, nenhuma das coisas que predisse e que acabo de dizer deixa de ser verdade. Eles têm inveja de nós por falarmos nestes assuntos, mas o que é preciso é não nos inquietarmos com eles e irmos ao seu encontro.

3. O ensino

Sócrates – Mas riem-se talvez não tenha importância, Êutifron amigo. Os Atenienses, pelo que me parece, não se preocupam muito com alguém que pensem ser hábil, contanto que não esteja a ensinar sua sabedoria. Mas, se pensam que faz os outros como ele, irritam-se, seja por inveja, como tu dizes, seja por qualquer outra razão.

Êutifron – Não tenho grande desejo de experimentar o que contra mim tenham nesta matéria.

Sócrates – Talvez julguem que te fazes caro, ao recusares-te a ensinar a tua sabedoria. Mas, pelo meu lado, temo que lhes pareça que, por filantropia, eu seja capaz de falar copiosamente a qualquer homem, não só sem qualquer salário, mas até pagando eu de boa vontade se alguém quiser

ouvir-me. Se, pois, quiserem rir de mim, como eu há pouco dizia e como tu dizes que se riem de ti, não seria desagradável passar o tempo no tribunal, rindo e gracejando. Mas, se levarem à coisa a sério, é imprevisível o que venha a acontecer, exceto para vós, os divinos.

Êutifron – Mas não há de ser nada, Sócrates. Combate tu a tua causa, como pensas ser o melhor, que eu combaterei a minha.

4. Acusar o pai

Sócrates – Mas, afinal, que queixa é a tua, Êutifron? És réu ou autor?

Êutifron – Sou autor.

Sócrates – Contra quem?

Êutifron – Contra alguém que parece uma loucura acusar.

Sócrates – O quê? Acusar alguém que voe?

Êutifron – De muito precisa para voar, visto que é um homem bastante velho.

Sócrates – Quem é?

Êutifron – É meu pai.

Sócrates – O teu pai, meu caro?

Êutifron – Sem dúvida.

Sócrates – Mas qual é a matéria da acusação e de que espécie de queixa se trata?

Êutifron – De homicídio, Sócrates.

Sócrates – Por Heracles! Decerto, Êutifron, a maioria dos homens ignora onde possa estar o bem. Pois, não creio que aconteça a qualquer pessoa intentar uma coisa dessas, mas somente alguém muito avançado no caminho da sabedoria!

Êutifron – Bem avançado Sócrates, por Zeus!

Sócrates – Aquele que foi morto pelo teu pai é algum dos parentes? Mas, com certeza! Pois não acusarias o teu pai de homicídio por causa de um estranho.

Êutifron – É risível Sócrates, pensares que há alguma diferença em o morto ser um estranho ou um familiar e não apenas que há uma coisa pela qual é preciso zelar: ou o que mata, mata com justiça ou sem ela. E, se for

com justiça, devemos deixá-lo ir em paz. Mas, se não, temos que o acusar, mesmo que viva na mesma casa e coma à mesma mesa que nós. Pois a mancha é igual se a ele te associares e fores seu cúmplice sem te purificares a ti e a ele, acusando-o na justiça.

Ora, o fato é que este que morreu era um trabalhador assalariado que trabalhava para mim, quando eu era agricultor em Naxos. Embriagou-se e brigou com um dos nossos escravos, estrangulando-o. Então, meu pai mandou atar-lhe os pés e as mãos e o atirou em uma vala, enviando depois um homem aqui em Atenas para informar-se com o interprete da lei sobre o que era precisa fazer. Durante esse tempo, não se inquietou mais com o preso e, como era um assassino, não se preocupou com ele, não fazendo caso de que viesse a morrer, como de fato aconteceu. Morreu devido à fome e ao frio e às amarras, antes que chegasse de Atenas o enviado. E, por causa da minha acusação, meu pai e os outros parentes irritam-se comigo. Dizem eles, que acuso meu pai de um crime em favor de um homicida. Ainda por cima, nem foi meu pai que o matou, e mesmo que o tivesse feito, não era preciso preocupar-me com isso, pois o morto era um homicida. E dizem que é ímpio um filho acusar o pai de um crime, mal sabendo eles o que vale para os deuses, relativamente ao que é piedoso e ao que é ímpio.

Sócrates – Por Zeus, Êutifron! Julgas conhecer assim tão exatamente as coisas divinas, de qualquer espécie que sejam, relativamente ao que é piedoso e ao que é ímpio? Procedendo desta maneira, não temes que ao entregares teu pai à justiça que, ao contrário, te suceda estares a cometer uma ato ímpio?

Êutifron – De nenhum préstimo eu seria Sócrates, nem diferiria da maioria dos homens se não conhecesse tais coisas exatamente.

5. O tema da piedade

Sócrates – Então, Êutifron, é melhor que me torne teu discípulo e que antes do julgamento provoque Meleto sobre este assunto. Direi que no passado me esforcei muito por conhecer as coisas divinas, mas, visto que ele agora afirma que eu erro e ajo irrefletidamente, inovando nessa matéria, resolvi tornar-me teu discípulo. E direi: “Se concordas Meleto que Êutifron é

sabedor destes assuntos, admite que me conduzo com retidão e não me acuses. Mas, se não concordas, acusa então esse meu mestre e não a mim de corromper os velhos – a mim e ao pai dele – a mim, ensinado-me e a ele advertindo-o e punindo-o”. E se não se deixar persuadir nem me livrar da acusação, acusando-te a ti em vez de mim, direi no tribunal aquilo mesmo com que o provoquei.

Êutifron – Sim, por Zeus Sócrates! Se acaso ele tentasse acusar-me, acho que encontraria seu ponto fraco e tenho para mim que haveria no tribunal maior discussão acerca dele do que de mim.

Sócrates – E eu, companheiro querido, desejo tornar-me teu discípulo, por saber isso e por ter compreendido que nenhum outro, nem esse Meleto, parecem conhecer-te. Pelo contrário, a mim, com tal agudeza e facilidade me notaram, tanto que me acusaram de impiedade. Ora, por Zeus, visto que há pouco afirmaste sabê-lo com clareza, diz-me o que entendes por *piiedade* e por *impiedade*, tanto no que diz respeito ao assassínio quanto em outras coisas? Ou não é por haver em todos os atos uma mesma piedade – ela própria, em si e por si, de todo contrária à impiedade e igual a si própria e tendo um aspecto único – que fará com que uma coisa seja ímpia, pela impiedade?

Êutifron – Sem dúvida, Sócrates.

6. Primeira definição:

“Perseguir os que cometem injustiças”.

Sócrates – Fala, pois, e diz-me então que espécie de coisa é a piedade e a impiedade?

Êutifron – Digo que a piedade é o que eu agora faço: *é perseguir os que cometem injustiças* – por homicídio, roubo de coisas sagradas, ou qualquer outra falta dessas – quer sejam pai, mãe ou outro qualquer; e *não os perseguir é que é a impiedade*. Além disso, contempla Sócrates, quão grande é a prova que vou te dar – e que já dei a outros – de que assim é a lei e de que será correto proceder assim, nada permitindo ao ímpio, seja ele quem for. Pois os próprios homens que reconhecerem Zeus como o melhor e o mais justo dos deuses concordam que ele aprisionou o pai por devorar

criminosamente os filhos, concordando, por outro lado, que esse mutilou o seu pai por semelhantes razões. Comigo irritam-se por acusar meu pai de cometer injustiças e assim eles próprios dizem por si coisas contrárias, ao falarem dos deuses e de mim.

Sócrates – Não será essa, Êutifron, a razão pela qual eu sou acusado: porque, sempre que alguém diz tais coisas sobre os deuses, eu as aceito com dificuldade? Parece-me que é por causa disso que alguém dirá que eu erro. Contudo, se a ti te parecem bem estas coisas que tão bem conheces, é necessário, creio eu, que concordemos agora. Pois que direi eu, que confesso nada saber sobre elas? Mas, diz-me, pelo deus da amizade crês tu que realmente isto se passou assim?

Êutifron – Isto e outras coisas ainda mais espantosas que estas, Sócrates, que os homens não conhecem.

Sócrates – E acreditas então que houve na realidade uma guerra dos deuses uns com os outros? E ódios terríveis e lutas e muitas outras coisas, que são contadas pelos poetas e pelos bons artistas, em cerimônias sagradas, como é o caso daquele véu cheio de pinturas que nas grandes Panateneias é conduzido à Acrópole? Havemos de dizer que estas coisas são verdade, Êutifron?

Êutifron – Não apenas estas Sócrates, mas as de que há pouco falava. E, se quiseres muitas outras eu te contarei, e o ouvi-las vais ficar pasmado.

7. Crítica e segunda definição:

“O que é agradável aos deuses”

Sócrates – Não me espantaria. Mas vais me contar isto com vagar, mais tarde. Agora, tenta explicar-me o mais claramente possível o que há pouco te pedi. Pois antes, meu caro, não me ensinaste o bastante, quando eu te perguntei o que poderia ser a piedade. Disseste-me então que a

piedade é o que tu agora fazes: *perseguir o teu pai por homicídio*.

Êutifron – E te disse a verdade, Sócrates.

Sócrates – Talvez. Mas dizes que *muitas outras coisas são piedosas*.

Êutifron – Pois são.

Sócrates – Lembra-te, pois, que não te recomendei que me ensinasses uma ou duas das muitas coisas que são piedosas, mas te perguntei por aquele *aspecto próprio sob o qual todas as coisas piedosas são piedosas*. Pois disseste, talvez, que todas as coisas piedosas eram piedosas e as ímpias eram ímpias, *sob um único aspecto*; ou não te lembras?

Êutifron – Lembro-me.

Sócrates – Ensina-me, então, *que aspecto é esse*, para que, olhando para ele e usando-o como paradigma, eu possa declarar se qualquer ação conforme a este modelo, praticada por ti ou por qualquer outro é ou não piedosa.

Êutifron – Se assim desejas Sócrates, assim te explicarei.

Sócrates – Decerto desejo.

Êutifron – É então *a piedade o que é agradável aos deuses*; o que não é agradável é a impiedade.

Sócrates – Perfeitamente. Como eu procurava que respondesse assim tu respondeste agora. Se respondesse realmente, ainda não sei, mas é evidente que explicarás que é verdade o que dizes.

Êutifron – Decerto.

8. Construção do argumento – desacordo

Sócrates – Vamos, então. Investiguemos o que dizes. O que é agradável aos deuses, e o homem que agrada aos deuses é piedoso; o que é desagradável aos deuses, e o homem que desagrada aos deuses é ímpio. Não são uma e mesma coisa, pois a piedade é o que há de mais *contrário* à impiedade; não é assim?

Êutifron – Assim mesmo.

Sócrates – E te parece que foi bem dito?

Êutifron – Pois parece.

Sócrates – Então, porque se irritam os deuses, Êutifron; porque estão em dissensão uns com os outros e entre si se odeiam uns aos outros? Foi isto que disseste?

Êutifron – Foi.

Sócrates – Porém, sobre que coisas é esse desacordo que produz os ódios e os ressentimentos? Investiguemos. Se estivermos em desacordo, tu e eu, sobre qual é o maior número, o desacordo sobre isso faria de nós inimigos e brigaríamos um com o outro? Ou pensas que, recorrendo ao cálculo, havíamos de nos reconciliar?

Êutifron – Certamente que sim.

Sócrates – Portanto, se também estivéssemos em desacordo sobre o maior e o menor e recorrêssemos à medição, rapidamente cessaria nossa diferença?

Êutifron – É isso.

Sócrates – E, do mesmo modo, recorrendo às balanças decidiríamos sobre o que é mais pesado e o que é mais leve.

Êutifron – Como não?

Sócrates – Mas, há algum assunto por causa do qual possamos ficar inimigos e entrar em conflito um com o outro, se discordarmos e não pudermos chegar a uma decisão? Examina o que estou te dizendo, pois talvez não esteja ao teu alcance uma resposta pronta. Vê se assim sucede com o que é justo e o que é injusto, o que é belo e o que é feio, o que é bom e o que é mau. Não são estes *os assuntos por causa dos quais nos tornamos inimigos uns dos outros*, se estivermos em desacordo e não pudermos atingir uma decisão satisfatória? Se é que nos tornamos inimigos eu e tu e todos os outros homens?

Êutifron – É de fato esse o desacordo, Sócrates e acerca dessas coisas.

Sócrates – O quê? Os deuses, Êutifron, se discordam entre si, não será por causa disso mesmo?

Êutifron – Necessariamente.

Sócrates – Portanto, meu nobre Êutifron, alguns dos deuses julgam

justas e injustas coisas diferentes, segundo o teu dizer, e não só belas, como feias e boas e más. Pois suponho que não entrariam em dissensão uns com os outros, se não estivessem em desacordo acerca disso. É assim?

Êutifron – Dizes bem.

Sócrates – Sendo assim, as coisas que cada um deles acha belas, boas e justas, tu as ama, e as coisas contrárias a essas, tu as odeia?

Êutifron – Certamente.

Sócrates – mas, como tu dizes, as mesmas coisas são consideradas justas por uns e injustas por outros. Discordando acerca delas, entram em dissensão e guerreiam uns com os outros. Não é assim?

Êutifron – É assim.

Sócrates – Essas coisas então, ao que parece, são odiadas e amadas pelos deuses e as mesmas coisas seriam odiadas pelos deuses e queridas pelos deuses?

Êutifron – Parece.

Sócrates – E as coisas piedosas e as ímpias seriam as mesmas, Êutifron, segundo o teu dizer?

Êutifron – Há perigo nisso.

9. Crítica à segunda definição:

“todo aquele que comete injustiça deve ser castigado”

Sócrates – Então, não me respondeste ao que perguntei, admirável Êutifron. Pois não te perguntei isto: o que vem a ser, ao mesmo tempo, piedoso e ímpio, o que, pelo que parece, é querido pelos deuses e é odiado pelos deuses. De modo que, Êutifron, o que tu agora fazes, ao punires o teu pai, não é de espantar, se fazendo isso és querido por Zeus, por um lado, ou te fazes inimigo de Cronos e de Urano, por outro; ou ainda, ao fazeres isto é querido por Hefesto e odiado por Hera. E se algum dos outros deuses discorda de outro acerca de ti, a discordância persiste sobre as mesmas coisas.

Êutifron – Contudo, Sócrates, acerca disto penso eu que nenhum dos deuses discorda de outro, isto é: que não deva ser castigado aquele que

injustamente mate alguém.

Sócrates – O quê? Certamente, Êutifron, ouviste algum homem sustentar que aquele que mata ou faz alguma coisa dessas injustamente não deva se castigado?

Êutifron – Não cessam de discutir isso, não só nos tribunais como em todo o lado. Cometem injustiças em muitíssimas coisas e fazem e dizem tudo para fugir à justiça.

Sócrates – Decerto. Mas concordam que cometem injustiças, embora, concordando, digam que se lhes não deve dar castigo?

Êutifron – Isso, de modo algum.

Sócrates – Então não fazem e dizem tudo. Pois, penso que não têm coragem de dizer nem de contestar que, se, na verdade, cometem injustiças, não devem ser castigados, mas creio que dizem não as ter cometido. Ou não?

Êutifron – Dizes a verdade.

Sócrates – Portanto, estas mesmas coisas acontecem aos deuses. Se é que brigam sobre as coisas justas e injustas, como tu disseste, e uns dizem que os outros cometem injustiças para com eles e os outros dizem que não? Pois, sem dúvida, ó admirável Êutifron, nenhum, nem dos deuses nem dos homens tem coragem de dizer que aquele que comete injustiças não deve ser castigado.

Êutifron – Sim, Sócrates, é mais ou menos isso.

Sócrates – Mas, penso eu, Êutifron, que os contestantes – não só homens como deuses, se é que os deuses discutem, discutem cada uma das ações que foram praticadas. Os que estão em desacordo acerca de alguma ação dizem uns, que foi justamente cometida, e outros injustamente. Não é assim?

Êutifron – Certamente.

10.

Sócrates – Vamos agora, Êutifron amigo, ensinar-me, para que me torne mais sábio que prova tens de que todos os deuses pensem que foi morto injustamente aquele trabalhador que cometeu homicídio e, após ter

sido amarrado pelo senhor do morto, morreu devido às amarras. E isto, antes que quem o amarrou chegasse a informar-se junto aos interpretes da lei do que havia de fazer com ele. Portanto, é justo que, por tal motivo, o filho acuse o pai e o persiga por assassinio. Vamos, tenta acima de tudo, mostrar-me com clareza como podem todos os deuses achar correta esta mesma ação. E, se me mostrares satisfatoriamente, nunca mais cessarei de elogiar tua sabedoria.

Êutifron – Não será pequena a tarefa, Sócrates, embora eu seja capaz de te demonstrar com clareza.

Sócrates – Compreendo que te pareça que aprendo com mais dificuldade que os juízes, pois àqueles mostrarás à evidência que estes atos são injustos e todos os deuses os detestaram.

Êutifron – Com toda a clareza, contanto que me ouçam falar.

11. Terceira definição:

“É o que todos os deuses amam”

Sócrates – Mas não de ouvi-lo, se lhes parecer que falas bem. Ocorreu-me isto enquanto discorrias. Ora, olha cá para mim: “Se Êutifron me ensinasse como é que todos os deuses pensam que tal morte é injusta, qual seria a coisa mais importante que eu aprenderia com ele: o que é a piedade e a impiedade?”.

Poderias dizer-se que este ato é detestado pelos deuses, mas desta maneira a piedade e a impiedade não pareceram há pouco bem definidas, pois o que é detestado pelos deuses parece querido por eles. Por isso, só te deixo ir embora, Êutifron, se me mostrares *como é que todos os deuses pensam que a mesma coisa é injusta e todos a odeiam*. Eis, então, o que ora retificamos na conversa: que aquilo que todos os deuses odiassem seria ímpio e o que amassem seria piedoso. E aquilo que alguns amassem e outros odiassem seria nem uma coisa nem outra; ou, então, ambas? Queres que essa fique como a definição da piedade e da impiedade que damos?

Êutifron – Qual é o obstáculo?

Sócrates – Para mim, nenhuma. Mas vê tu, por ti, se, ao supormos que é assim, me ensinas o mais facilmente que possas o que é a piedade e a

impiedade.

Êutifron – Diria que a piedade é *o que todos os deuses amam*, e o contrário – o que todos os deuses detestam – é a impiedade.

Sócrates – Ora, vejamos se isto está bem dito e se o deixamos passar, dito por nós ou por outros. Se alguém afirmar que é assim, concordamos que é, ou achas que devemos investigar o que diz quem afirma tal coisa?

Êutifron – Temos de investigar. Mas creio que isto que agora dissemos foi bem dito.

12. O problema de Sócrates

Sócrates – Dentro em breve, amigo, compreenderemos melhor; ora, pensa nisto. Então, *a piedade é amada pelos deuses porque é piedade*, ou *é piedade porque é amada pelos deuses*?

Êutifron – Não compreendo o que dizes Sócrates.

Sócrates – Repara, pois vou tentar explicar com mais clareza. Dizemos que uma coisa é transportada e transporta; que é conduzida e conduz; que é vista e vê. Entendes que todas estas coisas diferem umas das outras e em que é que são diferentes?

Êutifron – Parece-me que entendo.

Sócrates – Portanto, do mesmo modo, uma coisa é *o que é amado* [o amado] e outra a *que ama* [o amante]?

Êutifron – Como não?

Sócrates – Diz-me, então: o que é transportado é transportado, porque alguém o transporta, ou por qualquer outra razão?

Êutifron – Não. Por essa.

Sócrates – E o que é conduzido, decerto, porque alguém o conduz; e o que é visto é porque alguém o vê?

Êutifron – Certamente.

Sócrates – Portanto, não é por uma coisa ser vista que por isso se vê, mas, ao contrário, é porque se vê que uma coisa é vista. Nem é por uma coisa ser conduzida que por isso mesmo alguém a conduz, mas é porque alguém a conduz que ela é uma coisa conduzida. Nem é por alguma coisa

ser transportada que alguém a transporta, mas é porque alguém a transporta que ela é uma coisa transportada. Então, é mais do que evidente o que quero te dizer Êutifron. O que eu quero dizer é isto: se alguma coisa age ou é afetada, não é por ser agente que ela age, mas é porque age que ela é agente; nem é por ser uma coisa afetada que ela é afetada, mas é porque é afetada que ela é uma coisa afetada. Concordas com isto?

Êutifron – Concordo.

Sócrates – Então, o que é amado, ou age sobre algo, ou é afetado por algo?

Êutifron – Decerto.

Sócrates – Portanto, é como anteriormente: não é por ser uma coisa amada que uma coisa é amada pelos que a amam, mas é porque a amam que ela é uma coisa que é amada.

Êutifron – Necessariamente.

Sócrates – Que dizes então, acerca da piedade Êutifron? É alguma coisa diferente do que é amado por todos os deuses, como tu disseste?

Êutifron – É isso mesmo.

Sócrates – Mas, por isso, por ser piedade ou por outra razão?

Êutifron – Não, por essa.

Sócrates – Portanto, *é amada porque é piedade, mas não é piedade porque a amam?*

Êutifron – Acho que sim.

Sócrates – Mas, evidentemente, uma coisa que é amada pelos deuses, é amada pelos deuses porque os deuses a amam?

Êutifron – Como não?

Sócrates – Então, o que é amado pelos deuses é piedoso, e não é a piedade que é amada pelos deuses, como tu dizes, mas uma coisa é diferente da outra.

Êutifron – Como, então, Sócrates?

Sócrates – Nós concordamos que *a piedade é amada pelo fato de ser piedade* e não é por ser amada que é piedade, não?

Êutifron – Sim.

13. Justiça e piedade

Sócrates – Porém, concordamos que o que é amado pelos deuses, é amado por eles pelo próprio fato de ser amado; mas, a piedade, não é piedade por ser amada pelos deuses?

Êutifron – Dizes a verdade.

Sócrates – Mas, se fossem uma e mesma coisa – a *piedade* e o *ser amado pelos deuses* –, amigo Êutifron, se a piedade fosse amada por ser piedade também o que é amado pelos deuses seria amado por ser amado pelos deuses, e, se o que é amado pelos deuses fosse amado pelos deuses por ser amado pelos deuses, também a piedade seria piedade por ser amada. Vê agora que é ao contrário, que cada um dos dois é completamente diferente um do outro. Pois um é amado, *porque é capaz de ser amado*, enquanto o outro é capaz de ser amado, *porque é amado*. E corres perigo, Êutifron, ao perguntar o que é a piedade – o que, porventura, ela é – de não queres me mostrar a sua realidade, mas pelo contrário, de me falares de alguma sua afecção, algo que, por acaso, a afete; a saber, o ser amada por todos os deuses. Aquilo que é ainda não disseste. Se, pois, te agradar, não me escondas, mas diz-me, de novo, desde o princípio, o que acaso é a piedade, quer seja amada pelos deuses, quer isso seja algo que lhe aconteça, pois não o discutiremos. Diz-me de boa vontade o que é a piedade e a impiedade?

Êutifron – Mas Sócrates, eu ainda não sei como te dizer o que penso. Pois o que propusemos como que sempre anda à nossa volta e não quer ficar parado num lugar em que possamos assentá-lo.

Sócrates – O que dizes parece ser dito pelo meu antepassado Dédalo. Se dissesse e sustentasse essas mesmas coisas, faria talvez pouco de mim, pois, pelo parentesco com ele, as minhas obras em palavras põem-se em fuga e não querem ficar no lugar em que alguém as ponha. Mas essa graça não se aplica aqui, porque as hipóteses são tuas e não querem ficar quietas, como a ti mesmo parece.

Êutifron – Pois a mim, parece-me que algo da tua graça se aplica ao que dissemos, ou pouco mais ou menos, Sócrates, pois este andar das palavras em torno de si próprias e o não permanecerem não sou eu que o provooco, mas tu é que me pareces o Dédalo, já que aquelas, por mim,

ficavam quietas.

Sócrates – Corro então o perigo, meu amigo, de me ter tornado mais temível que Dédalo pela sua arte, pois, enquanto que ele fazia com que apenas as suas obras não ficassem quietas, eu, ao que parece, também faço andar as dos outros além das minhas. E nisso consistiria a maior sutileza da minha arte, porque recuso ser sábio. Preferiria que as minhas palavras ficassem e se fixassem imóveis, a adquirir, além da sabedoria de Dédalo, as riquezas de Tântalo. Mas, basta destas conversas! Como me pareces indolente, eu próprio me esforçarei em conjunto contigo por mostrar como me ensinarás acerca da piedade. E não percas de antemão a coragem. Vê, pois, se não te parece necessário que toda a piedade seja justa.

Êutifron – Parece.

Sócrates – Mas, então, toda a justiça é piedade? Ou a piedade é toda a justiça e a justiça não é toda a piedade, mas alguma dela é piedade e outra não?

Êutifron – Não te sigo no que queres dizer Sócrates.

Sócrates – No entanto, és tanto mais novo que eu quanto és mais sábio. Mas, o que eu digo é que te tornaste indolente pela riqueza de sabedoria. Contudo, homem feliz, esforça-te vivamente. Pois nem é difícil compreender o que digo. Digo o contrário do que disse o poeta:

“Zeus, criador, ele que fez tudo o que cresce, não queiras nomear, para que, onde há o temor, [haja também o respeito]”.

Ora, nisto eu divirjo do poeta. Queres que te diga em quê?

Êutifron – Decerto.

Sócrates – Não me parece que seja: onde há o temor, haja também o respeito. Pois parece-me que muitos, temem não doenças como a pobreza e muitas outras coisas que tais, parece que temem, de fato, mas não respeitam em nada aquilo que temem. Ou não te parece?

Êutifron – Certamente.

Sócrates – Mas, onde há respeito, há também o temor. Pois existe alguém que respeitando qualquer coisa ou tendo vergonha dela, não tenha detestado e ao mesmo tempo temido a reputação de baixeza?

Êutifron – Decerto que temeu.

Sócrates – Portanto, não é correto dizer: onde há temor, há respeito, mas, sim, onde há respeito há também o temor e não, certamente, onde há temor, haja também, por toda parte o respeito. Pois, além do mais, julgo que *o temor provém do respeito*. Já que o temor é uma parte do respeito, tal como o impar provém do número, de modo que, onde não há número, aí também não há impar, as onde há impar, aí há o número. Segue-me agora?

Êutifron – Perfeitamente.

Sócrates – Era isso que eu te perguntava, ao dizer então, onde há justiça há também a piedade, ou onde há piedade há também a justiça? Uma vez em que qualquer lugar onde há justiça, não há também, por toda parte a piedade: pois *a piedade é uma parte da justiça*. Queres que digamos assim ou te parece que é de outra maneira?

Êutifron – Não, assim. Parece-me que falas com correção.

14. Quarta definição:

“É a parte da justiça que diz respeito aos cuidados com os deuses”

Sócrates – Vê agora isto. Se a piedade é uma arte da justiça, é preciso que nós, pelo que parece, descubramos que parte da justiça será a piedade. Se tu me perguntares alguma das coisas de há pouco, isto é, que parte do número é o par e que número ocorre ser este, diria que este é o que não é impar, ou que pode ser dividido em duas partes iguais, ou não te parece?

Êutifron – A mim parece.

Sócrates – Tenta agora tu me ensinar-me que parte da justiça é a piedade, para que possa responder a Meleto sem errar nem ser acusado de impiedade, pois direi que fui instruído por ti, não só quanto às coisas da piedade e da devoção, mas também relativamente às que não o são.

Êutifron – Portanto, parece-me isto Sócrates, que a piedade e a devoção são a parte da justiça que diz respeito aos cuidados com os deuses. A restante parte da justiça é acerca dos cuidados com os homens.

15. Cuidado: “Um serviço prestado aos deuses”

Sócrates – E parece-me que falas bem. Mas eu ainda estou carente de um pequeno nada: ainda não compreendo a que chamas de cuidado. Pois, suponho que, dos cuidados que há, não dizes quais são os relativos a outras coisas e qual é o relativo aos deuses. Talvez afirmemos, por exemplo, que de cavalos nem todo mundo sabe tratar, mas só o tratador, ou não?

Êutifron – Certamente.

Sócrates – Então, talvez haja uma arte hípica que inclua o cuidado dos cavalos.

Êutifron – Sim.

Sócrates – E nem todo mundo sabe cuidar de cães, que não o caçador?

Êutifron – Assim é.

Sócrates – E a arte da cinegética inclui o cuidado dos cães?

Êutifron – Sim.

Sócrates – E o cuidado dos bois é a arte do boiadeiro.

Êutifron – Muito bem.

Sócrates – E a piedade e a devoção é o cuidado dos deuses, dizes assim Êutifron?

Êutifron – Digo.

Sócrates – Então, todo o cuidado realiza uma e a mesma coisa? A saber, isto: traz algum benefício e utilidade para aquele que é tratado? Certamente, vês que os cavalos, cuidados pela arte do tratador, colhem benefícios e tornam-se melhores. Não te parece?

Êutifron – Sim.

Sócrates – E os cães colhem benefícios dos caçadores; e os bois dos boiadeiros e todos outros do mesmo modo. E crês que é para mal daquele que é cuidado, ser cuidado?

Êutifron – Por Zeus não!

Sócrates – Mas seu benefício?

Êutifron – Como não?

Sócrates – Então, sendo a *piedade o cuidado dos deuses*, é útil aos

deuses e os faz melhores? Pois tu concordarias com isto? Que sempre que realizas alguma coisa piedosa fazes os deuses um pouco melhores?

Êutifron – Por Zeus, não eu.

Sócrates – Nem eu, penso que tu o dizes, longe disso: e até por causa disso eu me interrogava sobre que espécie de cuidado para com os deuses tu falas, não pensando que estivesses a falar em tal cuidado.

Êutifron – E é corretamente, Sócrates, que não falo de tal cuidado.

Sócrates – Seja. Mas que espécie de cuidado para com os deuses será a piedade?

Êutifron – Aquela Sócrates com que os escravos cuidam dos seus senhores.

Sócrates – Compreendo. Um serviço prestado aos deuses, parece que será isto?

Êutifron – Certamente.

16. Quinta definição:

“É um certo saber de como orar e sacrificar”

Sócrates – O serviço feito pelos médicos, com vista à realização de qualquer obra, é, de fato, um serviço? Tu não pensas que será com vista a saúde?

Êutifron – Sim.

Sócrates – O serviço prestado pelos construtores de navios, com vista à realização de certa obra é um serviço?

Êutifron – É evidente Sócrates, com vista à construção de um barco.

Sócrates – E o serviço prestado pelos arquitetos é com vista à construção de uma casa?

Êutifron – Sim.

Sócrates – Diz-me, meu caro, e o serviço prestado aos deuses, com vista à realização de qualquer obra, será também um serviço? É evidente que sabes qual é, pois dizes saber mais que os homens acerca das mais belas cosas divinas.

Êutifron – E o que digo é verdade, Sócrates.

Sócrates – Diz-me, por Zeus, qual poderá ser essa obra perfeitamente bela que os deuses realizariam, usando-nos como servidores?

Êutifron – Muitas e belas obras, Sócrates.

Sócrates – Também os generais, meu amigo. Mas, podias dizer-me mais facilmente que a sua finalidade principal era a de alcançarem a vitória na guerra ou não?

Êutifron – Sem dúvida.

Sócrates – E também os agricultores realizam muitas e belas obras. Contudo, a sua tarefa principal é a da produção; isto é, tirarem o alimento da terra?

Êutifron – Certamente.

Sócrates – Como é então? Das muitas e belas coisas que os deuses realizam, qual é a principal do seu trabalho?

Êutifron – Já antes te falei um pouco disso. A tarefa maior é como se pode com rigor aprender todas estas coisas. Digo-te simplesmente: que *alguém que saiba fazer e dizer as coisas que são agradáveis aos deuses, rezando e sacrificando, realiza atos piedosos, que salvam as famílias e as cidades; e as coisas contrárias às que agradam são ímpias: subvertem e destroem tudo.*

17.

Sócrates – Certamente. Mas, se quiseres, poderias de modo muito breve, responder ao ponto principal das coisas que te perguntei. É evidente que estás muito desejoso de me ensinar. Contudo, agora que estavas perto, foges. Se me tivesse respondido a isto, decerto eu teria prendido satisfatoriamente o que há a dizer sobre a piedade. Porém, agora é forçoso que aquele que ama siga aquele a quem ama, onde quer que ele o conduza. Em conclusão, o que dizes ser o ato piedoso e a piedade? Não é necessário que seja um conhecimento de sacrifícios e de preces?

Êutifron – É.

Sócrates – Portanto, oferecer um sacrifício é dar um presente aos deuses e rezar é fazer uma súplica aos deuses?

Êutifron – E muito mais.

Sócrates – Por esse raciocínio, a piedade seria então o conhecimento das preces e das ofertas aos deuses.

Êutifron – Muito bem. Compreendeste o que eu disse.

Sócrates – É porque estou desejoso de tua sabedoria, amigo, e volto o meu espírito para ela, de modo que não venha a cair por terra qualquer coisa do que disseste. Mas diz-me que espécie de serviço prestado aos deuses é esse? Dizes que é rezar e fazer-lhes ofertas?

Êutifron – Eu digo.

18.

Sócrates – O rezar corretamente não seria pedir aquelas mesmas coisas de que precisamos da parte deles?

Êutifron – Que outra coisa?

Sócrates – E, pelo contrário, fazer corretamente ofertas – aquelas de que eles precisam de nós – isso é fazer dádiva em troca àqueles? Pois não seria de um conhecedor fazer ofertas, dando a alguém coisas de que para nada precisa.

Êutifron – Dizes a verdade Sócrates.

Sócrates – Acaso seria piedade uma arte do comércio dos homens com os deuses entre si?

Êutifron – De comércio, se assim te agrada mais chamar-lhe.

Sócrates – Mas nada é para mim mais agradável do que uma coisa ser verdade. Explica-me que benefício conseguem os deuses, resultante das dádivas que de nós recebem? As coisas que dão são a todos evidentes, pois não há nada de bom para nós naquilo que aqueles não nos derem. Porém, daquilo que recebem de nós que benefício tiram? Ou somos tão superiores a eles, no que diz respeito ao comércio divino, que pelo comércio recebemos todos os bens e eles de nós nada recebem.

Êutifron – Crês Sócrates que os deuses se beneficiam das coisas que recebem de nós?

Sócrates – Mas de que espécie serão essas dádivas nossas para os deuses?

Êutifron – Que outra coisa que não a honra, o privilégio e gratidão a

que há pouco me referia?

Sócrates – Então, a piedade é, portanto, qualquer coisa de agradável, mas não útil nem amada pelos deuses?

Êutifron – Creio bem que é amada mais do que tudo.

Sócrates – Parece que a piedade é isso: *o que agrada os deuses*.

Êutifron – Sobretudo.

19.

Sócrates – Vais te espantar, por eu dizer isto e, se te parecer que as tuas palavras não permanecem, mas andam, irá me acusar, como a um Dédalo que as fez deslocar, sendo tu próprio mais artista que Dédalo no fazê-las andar em círculos? Ou não sentes que as nossas palavras, andando à nossa volta, chegaram de novo à mesma? Lembra-te, pois, que há pouco, a piedade e o que é amado pelos deuses não nos pareciam uma e a mesma coisa, mas coisas diferentes uma da outra. Então, não te lembras?

Êutifron – Eu me lembro.

Sócrates – Então, agora, não percebes que dizes que o que é agradável aos deuses é piedoso? E isso não é diferente daquilo que se torna amado pelos deuses?

Êutifron – Decerto.

Sócrates – Portanto, ou há pouco não estivemos de acordo no mesmo parecer, ou, se então estávamos no bom caminho, agora não colocamos bem a questão.

Êutifron – Parece.

20.

Sócrates – Devemos então investigar de novo desde o princípio o que é a piedade? Visto que eu, antes de aprender, não desistirei de bom grado. Não me desprezes, mas de toda a maneira tornando o teu pensamento o

mais acessível que possa, diz-me agora a verdade. Tu a conhece bem, se é que algum outro homem a conhece e, como a Proteu, não a deves deixar livre antes de ter falado. Pois, se não soubesses com clareza o que era a piedade e a impiedade, não vejo como explicar que queiras acusar de homicídio teu pai, homem mais velho, por causa de um servo. Mas, também, não é possível que não temas correr perigo de não agires corretamente para com os deuses ou que não tenhas verginha dos homens. Mas agora sei bem que pensas saber claramente o que é a piedade e o que não é. Diz, portanto, excelente Êutifron, e não me escondas isso mesmo que pensas.

Êutifron – Em outra hora Sócrates, pois agora tenho pressa de ir para outro lado e é tempo de me ir embora.

Sócrates – Que fazes companheiro? Vais embora, derrubando-me da minha grande esperança? Como aprenderei contigo o que são e o que não são as coisas piedosas? Como irei me livrar da queixa de Meleto? Como mostrarei àqueles, que junto de Êutifron, me tornei sábio nas coisas divinas e que, nem por ignorância improvisa, nem inove acerca das divindades, mas que viverei uma outra vida melhor?

Material exclusivamente de apoio didático.